

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

JUNHO/1984

Carta a uma
Igreja com
problemas:
I Coríntios

Pág. 4

Testemunho
Cristão —
um modo
de vida

Pág. 7

O Valor de
um Filho

Pág. 10

Um olhar
sobre
A Voz da
Esperança

Pág. 14



Oração

Senhor! Dá à minha alma
a paz e a doçura das tardes de Maio.
Dá à minha alma
a tranquilidade dos campos floridos
onde há pássaros que cantam pelas árvores
e borboletas que pousam nas flores dos caminhos.
Apaga do meu coração
a última chama de orgulho e de egoísmo.
Faze de mim o homem-perfeição
em cuja alma há de florir o amor
— amor que não faz distinção
entre os ricos e os pobres.

Transforma meu coração
num coração sem ódio e sem maldade,
capaz de amar com o mesmo ardor
a natureza inteira:
as borboletas, os pássaros,
as flores que desabrocham à beira dos caminhos
e a pobre, a infeliz, a desvairada humanidade.
Ouve, Senhor, a minha humilde oração.
Amém!

Alexandrino de Souto



Pensamento do mês:

*«A verdade é violada
pela falsidade, mas
ultrajada pelo silêncio».*

Henry Frederic Amiel

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho 1984
Ano XLV • N.º 453

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:



Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, lote 18
2685 Sacavém Codex
Telef. 2510844

PREÇOS:

Assinatura Anual	350\$00
Número Avulso	40\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

DEPÓSITO LEGAL N.º 2705/83

10 Pontos para Incrementar as nossas Publicações

A página impressa desempenhou um papel extraordinário no desenvolvimento da nova mensagem. Foi em grande parte graças à divulgação da mensagem adventista através dos livros, dos folhetos, das revistas que a obra adventista penetrou em muitos lugares da Terra.

Apesar da crise económica que se faz sentir por todo o lado, milagrosamente os nossos livros se continuam a vender, a ser colocados nas mãos do povo. Basta lembrar o exemplo do nosso próprio País, onde todos os meses os nossos colportores usam milhares de horas do seu tempo para levar a boa semente pelas cidades, vilas e aldeias do nosso País. O último relatório que tenho da obra das publicações refere-se a Março de 1984. Um total de 63 colportores venderam nesse mês 3 742 livros dos quais 585 O Grande Conflito e 353 O Desejado de Todas as Nações, e ainda 35 287 revistas.

Gostaria de lembrar alguns pontos que poderão ajudar-nos a colaborar nessa maravilhosa obra:

1. Cada lar adventista devia possuir, além da Revista Adventista, a Revista Saúde e Lar, todos os livros sobre o Espírito de Profecia e outros que vão saindo da nossa Publicadora.

2. Cada colportor deve, ao mesmo tempo que vende os seus livros e as suas revistas, realizar contactos que levem as pessoas a dar-se conta da importância de pensar nos problemas espirituais.

3. Cada colportor deverá pôr em contacto com a igreja local as pessoas desejosas de receber estudos ou esclarecimentos

sobre frutos de doutrina.

4. Cada colportor deveria inscrever no Curso Bíblico por Correspondência as pessoas isoladas que não é possível pôr em contacto com a Igreja.

5. A colocação dos livros nas mãos dos clientes não visa unicamente uma venda, mas também estabelece laços que possam ajudar futuros contactos.

6. Os Colportores que puderem deveriam deslocar-se para novos territórios onde fosse possível não só a colocação dos nossos livros, mas também, a abertura de novas igrejas em territórios virgens.

7. Cada membro de Igreja poderá colaborar nesta obra das publicações através dos «Difusores Evangélicos», que são Irmãos/ãs que nos seus tempos livres vendem livros diferentes dos dos colportores, nas áreas das respectivas igrejas. O produto destas vendas tanto pode ser para a Sociedade Missionária local como para o próprio difusor.

8. Esperamos, dentro em breve, poder ter à disposição das Sociedades Missionárias os livros necessários para este trabalho.

9. Anualmente publicamos dois números da Revista Sinais dos Tempos, que deveriam ser colocados nas mãos do público, pois encerram uma mensagem muito importante.

10. Se alguém desejar colaborar na obra das publicações ajudando monetariamente a publicação de livros, revistas ou folhetos poderá fazê-lo. Basta, para isso, que entre em contacto com a nossa Casa Publicadora.

A obra das publicações, como todos os outros departa-



mentos da nossa Igreja, têm como única razão de ser, a Evangelização.

Nos tempos difíceis que o mundo está a viver, em que as pessoas não têm tempo para nada, a obra das publicações que são colocadas nos lares podem desempenhar a última oportunidade de salvação, para muitos.

Para que ela possa progredir é necessária a colaboração de todos os que amam esta Causa e desejam que ela progrida.

«As coisas deste mundo em breve perecerão. Isto não discernem os que não têm sido divinamente iluminados, que se não tem conservado a par da obra de Deus. Consagrados homens e mulheres precisam de sair para fazer soar a advertência nos caminhos e valados. Insto com os meus irmãos e irmãs para que não se empenhem num trabalho que os impeça de proclamar o Evangelho de Cristo. Vós sois porta-vozes de Deus. Deveis falar a verdade com amor às almas que perecem. 'Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar para que a Minha casa se encha', disse Jesus. Não descrevem estas palavras claramente a obra do Colportor? Com Cristo no coração, ele irá aos caminhos e valados da vida, apresentando o convite para as bodas.» — O Colportor Evangelista, p. 24.

J. Morgado

Carta a uma Igreja com problemas: *I CORÍNTIOS*

JOHN C. BRUNT

O Conhecimento do que é certo e errado não basta: somente as acções motivadas pelo amor podem edificar o corpo de crentes.

Provavelmente, nenhum pastor ficaria entusiasmado com a ideia de ir trabalhar para a igreja que existia em Corinto nos meados do Primeiro Século. Podem imaginar o que seria ir trabalhar numa igreja dividida em pelo menos quatro facções? Uma igreja que tinha membros que pareciam orgulhar-se de um flagrante caso de incesto, que tinha pessoas que se embebedavam na Santa Ceia, que condenavam o casamento e ainda outras que negavam a ressurreição? A igreja mais difícil dos nossos dias não teria comparação com esta.

Pois foi precisamente a esta espécie de igreja que Paulo teve de ministrar quando escreveu a carta que chamamos «I Aos Coríntios». Nenhum outro livro da Bíblia trata tão directamente de problema após problema, do princípio ao fim. Isto faz com que I aos Coríntios seja um livro, não só muito interessante, mas também uma epístola de grande importância.

Ao observarmos a maneira como Paulo trata dos problemas e perguntas específicas deste grupo urbano de cristãos primitivos, aprendemos muito sobre Cristianismo prático, sobre a vivência cristã de todos os dias. Obtemos uma vista geral da maneira como este inspirado apóstolo conseguiu resolver problemas tão difíceis. Vemos a sua habilidade ética e pastoral. E tudo isto é para nós uma oportunidade extraordinária de aumentar o nosso conhecimento sobre a maneira de tomar decisões práticas e viver em união como corpo de Cristo.

Antes de abordarmos o conteúdo desta carta, deveríamos informar-nos um pouco e descobrir algumas das circunstâncias que levaram a que ela fosse escrita.

Paulo visitou Corinto pela primeira vez na sua segunda viagem missionária, possivelmente por volta do ano 51 a.C. [Sobre esta visita, ler Actos 18:1-18]. Corinto era então um grande centro urbano, idealmente localizado, perto do istmo do mesmo nome, que separa a Grécia do Norte da do Sul.. Possuindo portos de mar a leste e a oeste e dado que todos os caminhos passavam através de Corinto, a cidade tornou-se, naturalmente, importante centro comercial.

Quando Paulo ali chegou, teria, provavelmente, cerca de 600 000 habitantes.

O ministério de Paulo, Silas e Timóteo em Corinto foi abençoado por Deus e eles obtiveram grande êxito. Até o chefe da sinagoga aceitou o Evangelho. De facto, os crentes de Corinto acabaram por se reunir numa casa ao lado da sinagoga. Paulo permaneceu ali três anos e meio, o que foi a sua mais longa estadia num só lugar durante essa segunda viagem missionária. Não sabemos qual o tamanho da igreja quando Paulo a deixou, mas certamente que seria uma pequena igreja comparada com os nossos actuais padrões, visto continuar a reunir-se numa casa particular.

Alguns anos passaram antes que I aos Coríntios fosse escrita. Paulo encontrava-se agora na sua terceira viagem missionária, acabando uma permanência de três anos na cidade de Éfeso. Está-se provavelmente em 57 A.D.. Durante esse intervalo, Paulo foi-se mantendo em contacto com os Coríntios. Efectivamente, escreveu-lhes pelo menos uma carta, porque em I Coríntios 5:9 menciona-se essa carta, hoje aparentemente perdida, mas que é anterior a I Coríntios. [O que quer dizer que a Carta a que hoje chamamos I aos Coríntios é, na realidade, II aos Coríntios!]

Vários acontecimentos tornaram necessária outra carta à igreja de Corinto.

Em primeiro lugar, Paulo recebeu dois relatórios de pessoas que foram de Corinto a Éfeso. No capí-

Plano de I aos Coríntios

- I. Introdução
 - A. Abertura (1:1-3)
 - B. Acção de graças (1:4-9)
- II. Problemas e Perguntas
 - A. Divisões na igreja (1:10-4:21)
 - B. Um caso de incesto (5:1-13)
 - C. Questões triviais entre crentes levadas a tribunal (6:1-11)
 - D. Imoralidade sexual (6:12-20)
 - E. Casamento e divórcio (7:1-40)
 - F. Alimentos sacrificados aos ídolos (8:1-11:1)
 - G. O uso de véu pelas mulheres (11:2-16)
 - H. Irreverência na Santa Ceia (11:17-34)
 - I. Dons espirituais (12:1-14:40)
 - J. A ressurreição (15:1-58)
 - L. A colecta para os santos (16:1-4)
- III. Conclusão
 - A. Planos de viagem (16:5-12)
 - B. Admoestação final (16:13-18)
 - C. Saudações (16:19, 20)
 - D. Pós-escrito pela mão de Paulo (16:21-24)

JOHN C. BRUNT

Reitor da Faculdade de Teologia do Walla Walla College, nos E. Unidos

tulo 1:11, ele menciona que os «da família de Cloé» lhe comunicaram que havia «contendas» na igreja. E no capítulo 16:17, menciona a visita de Estéfanos, de Fortunato e de Acaico, embora não indique especificamente qualquer informação que eles lhe tivessem dado. Por último, Paulo recebeu uma carta dos Coríntios em que eles lhe faziam algumas perguntas. Esse facto é mencionado pela primeira vez no capítulo 7:1, quando diz: «ora, quanto às coisas que me escrevestes...» E a seguir, através de toda a carta, Paulo diz de vez em quando: «Ora, acerca de...», «No tocante a...». Tais expressões assinalam, possivelmente, que vai tratar de outro dos assuntos ou perguntas feitas pelos Coríntios.

Se tal é o caso, podemos dividir os pontos tratados em I aos Coríntios em duas categorias: (1) perguntas que os Coríntios fizeram a Paulo e (2) problemas de que Paulo teve conhecimento através de visitantes. Os pontos da primeira categoria incluiriam o casamento, alimentos oferecidos aos ídolos, os dons espirituais (incluindo o falar em línguas), a ressurreição e a colecta para os santos de Jerusalém. Os outros pontos (e não é difícil adivinhar porque os Coríntios os não mencionaram na carta que escreveram a Paulo) incluem as divisões na igreja, um caso de incesto, crentes que por causa de assuntos triviais se levavam mutuamente a tribunal, imoralidade sexual, atitudes apropriadas para as mulheres no culto e irreverência na celebração da Santa Ceia.

Que tarefa ser confrontado com uma tão grande série de problemas difíceis e delicados e ter de procurar ajudar a resolvê-los através de uma carta! Mas Paulo estava acostumado às tarefas difíceis. E sabia que não escrevia sozinho, mas com a mente guiada pelo Espírito Santo!

Ellen White fala-nos deste processo de inspiração, quando diz que Paulo não recebeu nenhuma nova visão para o ajudar a resolver estes problemas, mas que, todavia, escreveu sob inspiração:

«Paulo era um apóstolo inspirado. As verdades que ensinou a outros, ele as havia recebido 'por revelação'; todavia, o Senhor não lhe revelava directamente em todos os tempos a condição exacta do Seu povo. Nesta ocasião, os que estavam interessados na prosperidade da igreja de Corinto, e que tinham visto males nela penetrando, haviam apresentado o assunto perante o apóstolo; e pelas divinas revelações que havia anteriormente recebido, estava ele preparado para julgar do carácter desses desenvolvimentos. Não obstante o facto do Senhor não lhe haver dado uma nova revelação para este tempo especial, os que estavam realmente em busca de luz aceitaram a sua mensagem como expressão do pensamento de Cristo. O Senhor lhe havia mostrado as dificuldades e perigos que surgiriam nas igrejas, e quando esses males surgiram o apóstolo reconheceu-lhes o significado. Ele havia sido posto para a defesa da igreja. Devia cuidar das almas, como quem deve dar contas delas a Deus; não era, pois, coerente e justo, que tomasse conhecimento dos relatos referentes à anarquia e divisões entre eles? Sem dúvida alguma; e a reprovação que lhes enviou

era tão seguramente escrita sob a inspiração do Espírito de Deus como o foram quaisquer outras das suas epístolas.» — *Actos dos Apóstolos*, pp. 302, 303.

Guiado pelo Espírito, Paulo propôs-se ministrar por carta aos crentes da igreja de Corinto. Provavelmente fê-lo chamando um escriba para o seu lado e começando a ditar.

Há duas evidências que apontam para que o ditado fosse o método que Paulo usava para escrever as suas epístolas. No fim da carta, no capítulo 16:21-24, Paulo acrescenta uma saudação com a sua própria mão, o que implicaria que o resto da carta não fora escrito pela sua própria mão.

Há passagens na própria carta através das quais podemos «ver» a mente de Paulo em acção de um modo que sugere o ditado. Em determinado ponto, ele, inadvertidamente, faz uma declaração menos exacta. Recorda-se de um facto, corrige essa declaração original, mas essa correcção continua a não ser exacta, dado que ele se lembra de outro facto adicional e finalmente o processo de raciocínio chega ao fim colocando ele a questão no devido lugar, retirando-a para o lado e salientando o ponto principal. Quase podemos «ver» também Paulo ditando ao escriba, talvez andando de um lado para o outro através do aposento:

«Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós baptizei, senão a Crispo e a Gaio, para que ninguém diga que fostes baptizados em meu nome. E baptizei também a família de Estéfanos; além destes, não sei se baptizei algum outro. Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, mas para evangelizar» (cap. 1:14-17).

Com todos os problemas da igreja de Corinto, poderia esperar-se que a carta de Paulo consistisse sobretudo de regras e mandamentos, e há lugares em que Paulo, forçosamente, aponta para a Lei. Por exemplo, ele diz claramente que a igreja deve agir de modo decidido em relação ao homem que está a viver com a mulher do pai (cap. 5). Não deixa lugar para dúvidas quando se trata de problemas como a imoralidade sexual (cap. 6:12-20) ou como a idolatria (cap. 10:1-22).

Mas, nessa carta, Paulo faz mais do que referir-se à Lei. Paulo quer que os cristãos de Corinto pensem e ajam na base de princípios — princípios fundados em Cristo e Cristo crucificado. Paulo está preocupado não só com o *que* os Coríntios fazem, mas também *porque* o fazem. Procura assegurar-se, através desta carta, de que as suas acções serão motivadas pelo amor.

Vemo-lo claramente através da maneira como o apóstolo responde a duas perguntas que lhe são feitas pelos Coríntios. O seu método é idêntico ao responder às perguntas sobre os alimentos oferecidos aos ídolos e àquela outra sobre os dons espirituais, ou sobre o falar em línguas. Em ambos os casos, ele toma três capítulos para responder e em ambos torna o amor, não somente a resposta certa às perguntas, mas o centro da sua resposta. Uma breve vista de olhos sobre cada um destes pontos revela ainda muito mais acerca da ética que domina o ministério de Paulo em favor dos Coríntios.

Nos capítulos 8 a 10, Paulo discute a questão dos alimentos sacrificados aos ídolos. Grande parte da carne que se podia obter naqueles dias tinha já sido sacrificada a ídolos pagãos. Uma parte da carne era sacrificada, mas a maior parte era vendida no mercado de carne. Deveriam os cristãos comer dessa carne? Paulo não responde simplesmente *sim* ou *não*. Para ele a questão é mais complexa.

Embora um ídolo nada seja, e por essa razão não possa afectar a carne que lhe seja sacrificada, algumas pessoas poderiam associar a carne dos ídolos com a própria idolatria. Um acto, que de outro modo seria inocente, poderia, noutras circunstâncias ser prejudicial para estas pessoas. Além disso, alguém poderia errar fazendo-se um exemplo que poderia levar os cristãos «fracos» a violarem as suas convicções. Paulo acredita que há pontos que transcendem a questão de um acto ser certo ou errado. Quais são os motivos para tal acto? Quais são as consequências para aquele que pratica esse acto e para aqueles que o observam? Paulo toma três capítulos para explanar todas as ramificações da questão e então, só no capítulo 10:25 e seguintes, dá finalmente um conselho específico. Segundo Paulo, comer alimento sacrificado aos ídolos, é aceitável, a não ser que se torne uma problema de consciência para outra pessoa. O conhecimento do certo ou errado não basta: somente acções motivadas pelo amor podem edificar o corpo de crentes.

Encontramos uma situação semelhante quando Paulo fala dos dons espirituais, nos capítulos 12 a 14. A questão em foco na igreja de Corinto era provavelmente o falar em línguas. Mas o apóstolo não trata dela directamente nem se limita a dar uma resposta a essa pergunta.

Primeiramente, procura unir os crentes, mostrando-lhes que há diferentes dons na igreja e que todos os membros devem trabalhar em harmonia, como membros vários de um único corpo. A seguir, toma um capítulo inteiro — um dos mais belos da Bíblia — para realçar que o amor transcende a habilidade de exercer qualquer dom. Só então Paulo volta ao assunto para aconselhar acerca do falar em línguas na igreja.

Em ambos os exemplos, vemos a ética de amor de Paulo em acção. Ele não se limita a dar respostas certas para comportamentos correctos. Em vez disso, mostra que a maneira apropriada de responder ao dom da graça é agir com amor uns para com os outros. Os actos cristãos devem ser avaliados, não só na base do certo ou errado, mas na base do amor mútuo, que deve ser a motivação desses actos.

Uma vez que compreendamos esta atitude ética que domina I aos Coríntios, dificilmente nos surpreendemos com o facto de Paulo estar particularmente preocupado com as dissensões na igreja de Corinto. Os primeiros quatro capítulos falam deste ponto que, aliás, aparece em toda a epístola. Paulo está mais preocupado com a dissensão e hostilidade que divide o povo do que com os problemas específicos que eles consideram tão importantes.

No início do corpo da carta (cap. 1:10), Paulo não deixa quaisquer dúvidas acerca da sua maior preocupação. Neste versículo, há pelo menos cinco expressões que apontam para a necessidade de união: «Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma *mesma coisa*, e que não haja entre vós *dissensões*; antes, sejais *unidos*, num *mesmo sentido* e num *mesmo parecer*.»

Paulo apresenta muitas razões pelas quais a igreja deve estar unida; mas as razões básicas têm a ver com a cruz de Cristo. Tudo o que temos é um dom de Deus. Não nos podemos vangloriar de coisa alguma, a não ser no Senhor. Quando apreciamos o que o Senhor tem feito por nós, em Cristo, somos levados a união com Ele. Ele é a base da nossa unidade.

A mensagem de Paulo é uma mensagem de amor e de unidade, que não podemos hoje permitir-nos passar por alto. Ao estudarmos I aos Coríntios e ao vermos a maneira como Paulo aplicava estes princípios aos problemas específicos que os Coríntios enfrentavam, procuremos pensar nas situações de hoje, em que esses mesmos princípios se podem aplicar. De que modo os pontos apresentados por Paulo se inter-relacionam com a nossa vida diária e com a vida da nossa igreja? Podemos retirar grande proveito do tempo que passarmos a meditar nestes assuntos, tendo a Bíblia aberta em I aos Coríntios. E, quando tivermos estudado estes problemas, uma grande e simples verdade permanecerá diante de nós: «Todas as vossas coisas sejam feitas com amor [caridade]» (cap. 16:14).

Sugestões para aprofundar o estudo

Primeira Semana: Ler a carta toda de uma vez. Como se revela a ética de amor de Paulo? Caracterize a preocupação pastoral de Paulo e a sua habilidade em tratar destes problemas.

Segunda Semana: Ler I Coríntios, cap. 1 a 4. Que argumentos apresenta Paulo para mostrar as razões pelas quais a igreja deve estar unida? Que sugestões específicas se podem mostrar úteis para trazer unidade à igreja?

Terceira Semana: Ler I Coríntios 5-7. Que revelam estes capítulos acerca do propósito de Deus para a sexualidade humana? Porque parece Paulo advogar a vida de solteiro em relação à de casado? O que sugere o capítulo 5 acerca da disciplina da igreja?

Quarta Semana: Ler I Coríntios 8-11. De que maneira os princípios que Paulo usa em relação à comida sacrificada aos ídolos se aplicam hoje às normas da igreja? À luz do conselho de Paulo, como justificamos que as mulheres vão hoje sem véu à igreja? Qual era o verdadeiro problema dos Coríntios em relação à celebração da Santa Ceia.

Quinta Semana: Ler I Coríntios 12-16. Que é este «falar em línguas» a que se refere Paulo? Que conselho dá ele? Quais os argumentos de Paulo em favor da ressurreição? Concorda em que sem a promessa da ressurreição a fé cristã seria vã? Porquê ou Porque não?

Testemunho Cristão — Um modo de vida

SAMUEL F. MONNIER

Testemunhar deveria ser partilhar com os que estão mais próximo de nós — a nossa família, os nossos amigos e conhecidos.

Quando se menciona a palavra «testemunhar», muita gente pensa em ir de porta em porta, em realizar visitas imprevistas; mas é muito mais do que isso. Testemunhar deveria ser um modo de vida, uma maneira de partilhar a fé, primeiro, com os que estão mais próximos de nós: a nossa família, amigos é conhecidos. As suas portas estão sempre abertas. Apreciam-nos e nós amamo-los; fazemos parte da mesma unidade.

Como adventistas do sétimo dia, gostamos de falar de Jesus, da Igreja, da nossa certeza sobre o futuro e da nossa alegria de pertencer a esta maravilhosa família espiritual. Para mim é algo de natural falar da minha feliz relação com Jesus.

Além da nossa própria salvação, qual deveria ser o nosso mais profundo desejo na vida? Alcançar tantas pessoas quantas fosse possível, com as boas novas de Jesus. Queremos que a nossa família partilhe a nossa alegria e paz e se una a nós na Igreja remanescente de Deus.

Poderíamos agrupar a nossa família e amigos em três grupos, de acordo com a sua reacção em relação à fé adventista:

1. Os que são amáveis, positivos e estão dispostos a aceitar que lhes falemos da nossa fé. Fazem perguntas, aceitam estudos bíblicos e tarde ou cedo acabam por unir-se à igreja.



2. Os que conhecem as doutrinas bíblicas, que inclusivamente já foram baptizados, mas não tiveram uma experiência pessoal com Jesus e estão, todavia, satisfeitos com a sua condição espiritual.

3. Os que se opõem à nossa fé e decidiram não modificar a sua posição. Aceitam a nossa companhia e talvez até a apreciem. Podem mesmo dizer: «Respeitamos as tuas opiniões e a tua religião. Admiramos a tua dedicação, mas temos as nossas convicções e não pensamos fazer nenhuma mudança na nossa vida espiritual. Se queres continuar a manter uma relação amistosa connosco, por favor, não nos fales da tua igreja e das tuas ideias religiosas e escusas, até de nos mandar as tuas revistas.»

O nosso problema é descobrir como ir ao encontro das necessidades destas pessoas. Com o primeiro grupo, não há problema. Quando nos encontramos, falamos de Jesus e da nossa família espiritual. Antes de nos separarmos, será um prazer ler alguns versículos da Bíblia, fazer um simples comentário e elevar uma breve oração. Como resultado da nossa atitude natural, positiva e

espiritual, a seu tempo, eles unir-se-ão à igreja. Agrada-lhes a companhia de cristãos amáveis e calorosos e com o tempo virão a desfrutar da mesma paz que nós possuímos.

O segundo e o terceiro grupos necessitam de ser tratados de modo diferente. Imaginemos que o meu primo João vem visitar-nos, num dia feriado, com sua esposa Judite e os seus filhos Ricardo e Clara. João é um homem amável, mas não gosta de falar de religião. Considera-se cristão e vai à igreja de tempos a tempos. Ele tem a sua religião e nós, a nossa. Nunca compreendeu por que nos tornámos Adventistas do Sétimo Dia.

Houve tempos em que falámos de religião e chegámos até a convidá-lo para assistir, juntamente com a família, a reuniões de evangelização. Mandávamos-lhe também uma revista missionária. Mas um dia João pediu para não lhe falarmos mais da nossa fé e vimos perfeitamente que, se teimássemos, isso afectaria a nossa amizade. Compreendemos e continuámos amigos.

Examinemos o que aconteceu durante o dia que João e a família passaram connosco. Eles chegam

SAMUEL F. MONNIER

Director-associado do Departamento de Actividades leigas da Conferência Geral e ex-Presidente da extinta União Sul-Europeia

ao fim da manhã e temos o maior prazer em lhes dar as boas-vindas. Depois da troca de cumprimentos e de se conversar um pouco sobre as últimas novidades da nossa família, sentamo-nos à mesa: comida simples, bem equilibrada, deliciosa. Depois de comer, as senhoras saem a dar uma volta e nós, homens, discutimos política, enquanto as crianças se entretêm a brincar. Mais tarde fazemos outro plano: sair ou ficar em casa a ver os diapositivos ou fotografias da nossa última viagem, ou das nossas férias. E enquanto falamos, vamos obtendo toda a espécie de informações sobre as suas vidas, alegrias, problemas e dissabores. Nós identificamo-nos com eles.

Por exemplo, a mãe de Judite está hospitalizada, fracturou uma perna. A irmã de Judite teve um bebé prematuro e estão preocupados, sem saber se irá sobreviver ou não. As crianças continuam os seus jogos e nós falamos delas, das suas habilidades e dos seus problemas. Ricardo gosta muito de brincar e não aprecia a escola, negligencia os estudos e é muito distraído. Clara, pelo contrário, é boa estudante, aplicada e trabalhadora.

João faz-me algumas confidências. Fala de problemas no seu trabalho. Tem um chefe muito exigente e de temperamento impetuoso, e não é raro haver despedimentos de pessoal. João está nervoso, preocupado com o seu futuro.

Descobrimo os sentimentos

Ao longo do dia nós vamos conhecendo os sentimentos, insatisfações e frustrações desta família. Também têm os seus problemas de saúde, embora simples: Judite tem excesso de peso e João sofre de enxaqueca.

Queríamos ajudá-los, sinceramente. Mas como? Será possível visitar a mãe de Judite que se encontra no hospital a 150 quilómetros de distância? Ou a irmã e o cunhado de Judite, que vivem a 3 000 quilómetros de nós? Talvez não, pessoalmente, mas podemos enviar-lhes uma mensagem de encorajamento, ou um livro *A Solu-*

ção é Cristo. Talvez não possamos arranjar um novo emprego ao João, nem controlar o génio do seu chefe, para que a vida de todos os seus empregados seja mais agradável. São coisas que gostaríamos de poder fazer, mas que não podemos.

Ao conversar com os nossos parentes, deveríamos também predispor-nos a partilhar com eles alguns dos nossos problemas, o que fará com que eles se sintam, também, mais perto de nós. Todavia, não deveríamos queixar-nos, mas antes demonstrar confiança. A nossa atitude em relação aos problemas da vida deixará uma impressão que os levará a relacionar a nossa conduta com as nossas convicções espirituais.

João e Judite não querem que lhes falemos da nossa fé e da nossa igreja. São, talvez, indiferentes ou negativos e por isso evitam falar desses assuntos. Mas a nossa atitude demonstrará que existe em nós uma paz interior mesmo no meio de provas e dificuldades.

Por volta do fim da tarde, João olha o relógio e isso é sinal de que se aproxima a hora da partida. Ao longo de todo o dia, elevámos ao Senhor orações silenciosas pedindo-Lhe que nos guiasse em cada passo. Em cima da mesa da sala está uma Bíblia, fechada. É tempo de agir, pois os nossos primos estão quase a ir-se embora. Podemos dizer: «João e Judite, antes de nos separarmos, gostaria que lêssemos juntos uma promessa da Bíblia.»

Sugestões para a Oração

Abrimos a Bíblia e lemos um ou dois versículos, cuidadosamente escolhidos, antecipadamente escolhidos. A leitura dura apenas escassos segundos. A seguir dizemos: «Não é maravilhoso encontrar conforto na Santa Palavra de Deus todas as vezes que necessitamos? E agora, antes de partirmos, poderíamos pedir ao Senhor para os proteger durante a viagem de regresso e para derramar as Suas bênçãos sobre os nossos lares e as nossas famílias?» Pomo-nos de pé e os outros, naturalmente, seguem o nosso exemplo.

Durante alguns breves momentos, elevamos a Deus os nossos pensamentos em oração. Que poderíamos dizer nesta oração?

1. Dar graças pelo privilégio de termos estado juntos, de estreitar a nossa amizade. Num momento específico da oração, dizemos claramente: «Senhor, Tu sabes como gostamos do João, da Judite, do Ricardo e da Clara.» Mencionamos o nome de cada membro da família.

2. Expressar a Deus o nosso desejo de que intervenha na vida de cada um de nós e resolva os nossos problemas. Pedimos pela cura da mãe de Judite, pelo bebé prematuro e pelos seus pais preocupados. Pedimos por Clara e Ricardo, nas suas tarefas escolares. É bom certificar-nos de que não há nada na oração que possa ofender ou melindrar, que tudo é positivo e encorajante. Quem faz as coisas bem é desafiado a fazê-las melhor e a quem as não faz tão bem, asseguramos-lhe que todos temos os nossos problemas e lutas para os superar e que, portanto, todos podem fazer o mesmo. Finalmente, oramos pelo chefe de João, para que Deus toque o seu coração e o seu carácter, a fim de que seja mais fácil trabalhar com ele, ou então, que Deus abra outras portas ao João, se essa for a Sua vontade.

3. Pedir a protecção de Deus para a viagem de regresso ao lar, e bênçãos para ambos os lares: bênçãos espirituais, físicas e financeiras. Agradecer a Deus por podermos ler a Sua Palavra e dela recebermos alimento espiritual, conforto e ânimo.

A oração terminou. Os nossos visitantes partem dentro de poucos minutos. Estão-se despedindo. Geralmente agradecem o nosso interesse e a nossa oração.

A experiência demonstrou-me que as pessoas aceitam esta oração de boa vontade. Como nela mencionamos os problemas que elas enfrentam, reconhecerão a nossa confiança em Deus e o nosso profundo interesse pela sua felicidade temporal e eterna.

Ore *pelos* seus amigos e *com* eles. A oração é a chave que abre os tesouros celestiais.

O Soldado Anónimo

WANDA E. BOULTING

O Pai estava furioso — as mensalidades na escola adventista estavam demasiado caras. Mas a sua decisão precipitada teve graves consequências

Em 1943, eu estava leccionando na cidade de Rockhampton, Austrália. A II Guerra Mundial ainda ressoava furiosamente, e milhares de soldados norte-americanos encontravam-se estacionados nos arredores da cidade, ou estavam ali para tirar uma folga do calor dos trópicos.

Certa manhã, durante o recreio estava eu dando aula de reforço a dois alunos, quando escutámos os passos de um homem subindo a longa escadaria da frente. Era um soldado americano, completamente uniformizado, e encaminhou-se para a sala onde nos encontrávamos. Sorriu para mim e para as crianças antes de recuperar o fôlego, e perguntou:

— Diga-me, Sra. professora, esta aqui é uma escola adventista de verdade?

— É sim, senhor.

— Posso entrar, por favor?

— Certamente, seja bem-vindo — disse eu estendendo a mão para cumprimentá-lo.

Ele olhou com interesse para as gravuras e esquemas de aula no quadro negro, e depois em redor da sala novamente. Perguntou se poderia sentar-se «ali» na carteira para a qual estava apontando.

Dispensei as duas crianças, e pedi-lhes que avisassem a professora no pátio para adiar por alguns minutos o sinal de reinício das aulas, pois chegara um visitante.

A esta altura, o soldado já havia espremido o seu volumoso corpo, de forma a caber numa carteira de aluno primário, e estava novamente vasculhando a sala com os olhos. De repente, enterrou o rosto nas mãos e começou a chorar.

Dirigi-me até ele, coloquei a mão no seu ombro, e sugeri que se abrisse com esta velha professora. Esta foi a história que ele contou:

O lar da sua infância fora normal, feliz até. Os seus pais eram adventistas e não tinham problemas financeiros. Só tinham uma reclamação: a escola adventista que ele e seu irmão frequentavam já havia aumentado as mensalidades várias vezes, e as aumentara novamente havia pouco tempo.

«Isto é demais», exclamou o pai, ao ler o aviso sobre o novo aumento. «Na segunda-feira, vocês dois irão para a escola oficial. Ela é igualmente boa,

e é de graça. Estou cansado de pagar cada vez mais pela vossa escolaridade.»

Em cumprimento da ameaça, ele os enviou para a escola oficial. Ali, os rapazes mais velhos logo os ensinaram a fumar, beber, e a ingerir alimentos que nunca haviam comido em casa, embora se tivessem mostrado relutantes em fazer essas coisas de início.

«Agora estou perdido, totalmente perdido! — lamentou-se o amargurado soldado. — Por que é que pais de recursos reclamam das taxas escolares, especialmente quando as podem pagar?

Levei alguns minutos para conseguir assegurar-lo do amor de Deus e convencê-lo de que Deus estava falando com ele justamente naquele momento, instando-o a fazer nova entrega da sua vida. Fomos para a sala dos professores, onde orei em seu favor, e ele lavou o rosto e se acalmou. Convidei-o a vir à igreja no Sábado e a almoçar comigo e alguns amigos. Ele prometeu que realmente viria.

No pátio, o director da escola cumprimentou calorosamente o soldado, e disse-lhe que gostaria que fosse seu convidado especial no sábado. Ao conversarmos, ele perguntou se as nossas escolas ainda careciam de equipamento. Disse-lhe que sim, e apontei para um baloiço de criança por terminar. Ele imediatamente tirou a carteira do bolso e me entregou uma nota de dez libras (cerca de 22 dólares norte-americanos), com os votos de que pudéssmos concluir o projecto.

Ao entardecer de sexta-feira, recebi um recado do soldado. A sua divisão recebera ordens de voltar ao campo de batalha naquela noite. Nunca mais ouvi falar dele.

Será que aquele soldado desconhecido sobreviveu à guerra? Estará ele no meio dos remidos de Deus na Nova Terra? Talvez a influência de duas escolas adventistas — uma na infância e outra na idade adulta o tenham levado à salvação eterna.

Professoras Primárias Precisam-se

*Jovens com Curso do Magistério ou antigo
Diploma do Ensino Particular.*

A partir do ano lectivo 1984/85.

Escrever para:

Departamento de Educação

União Portuguesa dos A.S.D.

Rua Joaquim Bonifácio, 17 • 1000 LISBOA

WANDA E. BOULTING

Professora aposentada. Reside actualmente em Cooranbong, Austrália

O VALOR DE UM FILHO

DR. RAOUL L. POSSE

Ultimamente, tem suscitado grande interesse conhecer o custo material de um filho. Assim, e com base em dados a partir do corrente ano escolar, muitos jornais e revistas, gerais ou especializados, num assombroso esforço jornalístico, dedicaram-se a calcular, por todos os meios técnicos e sociais de sondagem, a quanto ascende o custo de um filho, desde que nasce até aos 14 anos.

A ênfase foi colocada nos custos escolares e para isso percorreram-se todos os tipos de escolas, estudaram-se todos os níveis e calcularam-se todos os materiais exigidos para essa escolarização: roupas, livros, materiais escolares, transportes, desportos, etc. As respostas foram muito variadas, segundo os sectores sócio-económicos, chegando algumas publicações a mencionar impressionantes somas.

A conclusão, um tanto decepcionante, é que tanto o interesse como os parâmetros usados se centraram no custo económico e poucos reflectiram sobre o valor real de uma criança.

Valor imediato ou transcendente

Ignorarão os pais, porventura, os investimentos que se fazem com um filho em esforço, ilusões, cuidados, em preocupações, afecto, esperanças... além dos económicos?

Que custo tem criá-lo vigoroso, alegre, pacífico, responsável, respeitoso, espiritual? Ou será que nada se investiu nestes pontos?

Creio que é bom investir dinhei-

ro em escolas, professores, livros, equipamentos, transporte, refeitório, ginásio, etc., enquanto durar a sua escolaridade, sempre que esta renda resultados concretos para o indivíduo e para a sociedade e não seja mais um objecto de manipulação de interesses subterráneos. Mas, quem é o responsável pelo orçamento e pela condução da «gestão» do verdadeiro investimento que uma criança requer para um desenvolvimento integral, harmonioso e transcendente? Na hora da reflexão e da acção devidamente pensada, que valores devem ter em conta os pais e todos os responsáveis pela criança e sua educação?

Quem pergunta hoje às famílias e às escolas que importância tem uma boa saúde psicofísica nas crianças? Quem tem em conta, nos orçamentos familiares e escolares, o justo investimento de uma boa alimentação? Ou trata-se apenas de encher o estômago e satisfazer o apetite por alguns (poucos) escudos? E, assim, poderíamos tornar extensivo este questionário a todos os outros factores que contribuem para o desenvolvimento de uma criança vigorosa, forte, saudável.

No mundo de hoje, ao ver a juventude, os adolescentes e até as crianças, envolvidas no torvelinho das paixões, rivalidades e agressões de todo o tipo, há uma preocupação que se impõe: estamos educando os nossos filhos de acordo com um modelo social que contribua para uma convivência amável, para um diálogo construtivo?

Não há dúvida de que os valores sociais estão sendo descuidados pelos programas educativos, familiares, escolares e comunitários. Talvez que a louca corrida «monetarista» que domina todos os sectores ofereça certa inconsciência na hora de investir no autêntico desenvolvimento social de um filho.

Tanto nos lares como nas escolas, e noutras instituições formadoras de personalidade e cultura de uma criança, o investimento supérfluo ou caprichoso substitui por vezes o fundamental imprescindível para a aquisição desses valores sociais que preparam um ser humano capaz de se controlar com equilíbrio, prudência e sabedoria num mundo difícil.

À estimativa do custo de um filho, haveria que acrescentar uma boa quantidade de recursos económicos, técnicos e humanos, e prover para a sua jovem vida modelos pessoais, instalações adequadas, música, livros, filmes, revistas e técnicas de participação, de orientação e de criatividade, de modo a que a criança possa tornar-se um adulto de elevada qualidade e capacidade social.

Vinculados a estes valores sociais estão os valores psicológicos, dado que sobre eles incidem, tanto condicionando a conduta externa dos indivíduos, como regulando a sua vida interior.

Até há poucas décadas, a medicina psicossomática — de forma específica, a psiquiatria — não se preocupava demasiado com o «paciente infantil». Mas, com o aumento das doenças nervosas, as irregularidades psicossomáticas, as depressões e instabilidades de conduta e de aprendizagem das crianças, a pediatria geral não pode dispensar este capí-

DR. RAOUL L. POSSE

Director do Departamento de Educação da União Portuguesa e especialista em Educação

tulo, e cada vez é maior a intervenção do psiquiatra infantil.

Mas, quem são os responsáveis por este desajuste neurótico? Talvez convenha examinar o programa diário de uma criança, tanto em sua casa como na Escola ou na sociedade.

Dorme bem e o suficiente? A sua comida e bebida (não falo de «drogas mascaradas») contribuem para fortalecer o seu sistema nervoso? As relações familiares contêm a necessária quota de afectividade, companhia, compreensão, autoridade? É o colégio — ou a escola — um canal de ilusão para a sua futura formação ou é um condicionamento forçado, quando não ameaçador? Os programas radiofónicos, televisivos, musicais, literários, desportivos, etc., contribuem para aprofundar uma vida interior rica em matizes de pureza, de serviço abnegado e de confiança, que afastem da sua consciência o aguilhão do sentimento de culpa?

A resposta a estas perguntas deveria levar-nos a «repensar» o investimento de recursos nesses bens de que tanto precisam as crianças e jovens para enfretarem de modo solvente o inquietante bombardeamento de uma civilização alienada pela insegurança em todos os domínios.

O mesmo acontece com a consecução de outros valores, como os intelectuais, morais e espirituais — de tanta ou mais importância do que os anteriores — e que requerem uma reordenação séria e urgente por parte daqueles que, nos diferentes níveis, têm a delicada missão de intervir nos autênticos valores que farão de uma criança um ser humano são, seguro, capaz, fraterno e espiritual.

Algumas reflexões críticas

Cabe, então, perguntar, refletindo seriamente, o que representa uma criança para a sociedade actual. Para boa parte do comércio representa, juntamente com o adolescente, um importante filão de vendas, porque é fácil de influenciar e de persuadir. Para os meios de comunicação social, é um ouvinte dócil e assíduo, que

absorve com incrível capacidade de sugestão e retenção, sem crítica madura, por causa da sua inexperiência, qualquer programa ou mensagem por mais inútil que seja o seu conteúdo, ou pior, por vezes, gérmenes de ideologias de cariz materialista e ateu.

Para muitas escolas, a criança representa o homem do futuro, o «modelo» de uma sociedade desenvolvida, altamente técnica e infelizmente desumanizada.

Não poucos professores sentem ansiedade por adestrar as faculdades da criança para que possa inserir-se com êxito neste mundo conflituoso e exigente, onde a ciência e a técnica marcam os parâmetros de um bem-estar teórico, muitas vezes irrealista, irónico, diante da impiedosa marginalização dos que sofrem ou das cruéis discriminações dos que não «produzem» (segundo critérios materialistas), e em atitudes cada vez mais agressivas, para não dizer bélicas, em defesa do que concebem como paz e progresso.

Os programas escolares que têm a «fraqueza» de realçar o desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança, indo até à sua saúde psicofísica e ao de-

envolvimento da sua dimensão afectiva, social e moral, e sobretudo espiritual, são considerados desfasados ou «terceiromundistas» porque não gastam a maior parte dos seus recursos em preparar «génios calculistas» de uma alucinada carreira de «superação de um sobre o outro» e, dessa maneira, o fantasma de Nietzsche com um novo «super-homem tecnológico», arrebatou os sonhos lúdicos e os sorrisos ingénuos das almas infantis.

Para um bom número de pais, os filhos representam projecções egoístas — conscientes ou inconscientes — quando não recalculamentos ou interferências nas suas vidas privadas de homens dentro de uma sociedade de «moral livre», que mais não é do que uma máscara da sua instabilidade e por vezes da sua contaminação espiritual. Há pais para quem os filhos representam graciosos bonecos, fáceis de manejar, vestir, exhibir; por isso cuidam deles com uma irracional super-protecção. Para outros, os filhos são a representação corpórea do sensualismo frustrante, da imprevisão em todos os planos da vida do lar, da improvisação de qualquer planeamento familiar, e essas indefesas criaturas acabam por ser os «inde-sejáveis» da sua experiência matrimonial.

Não devemos esquecer a igreja, com as suas actividades espirituais, pois tem um papel importantíssimo na vida de uma criança. Já realçámos a importância dos valores espirituais, mas recordemos que na igreja, estes valores, do ponto de vista doutrinal, não estão desassociados dos outros valores, e em especial dos afectivos, intelectuais, sociais e morais, pois é na relação com o espiritual que eles se ampliam.

Os pais devem compreender que a igreja investe muito positivamente ao dedicar uma grande atenção à educação religiosa das crianças, através das suas diferentes organizações: escola sabatina, clubes de Tições e Desbravadores, programas sociais, semanas especiais, excursões, etc. A igreja deve ir realizando um labor formativo extraordinário e transcenden-



te na vida da criança. Por outro lado, se a igreja é formalista, «rigorista», descuidada em prover à criança os ensinamentos adequados e fundamentais para o seu desenvolvimento espiritual — seja por falta de material, de instalações ou de dirigentes bem preparados — se a igreja acaba por ser apenas uma igreja de adultos, é provável que a criança nela se

ressinta e começa a ter conceitos errados ou extremistas na sua relação pessoal com Deus e os seus irmãos.

A solução estaria em considerar o valor de um filho, carnal ou espiritual, mas sempre uma criança ou juvenzinho, num sentido integral, com o propósito de um desenvolvimento harmonioso e completo.

É necessário um programa com objectivos bem claros e com uma permanente supervisão da vida da criança. Há necessidade de preocupar-se em investir em boas escolas e instituições, mas isso implica *um compromisso* não somente económico, mas também pessoal e constante por parte dos pais, da escola, da sociedade e da igreja.

«Até às mais excelsas nuvens»

HEINZ HOPF

«A Tua misericórdia, Senhor, está nos céus, e a Tua fidelidade chega até às mais excelsas nuvens!» Salmo 36:5

Embora o Salmista ignorasse totalmente a distância que separa a Terra do Céu, ele estava persuadido de que a bondade de Deus e a Sua misericórdia iam bem mais longe. Nós, que vivemos no século do espaço cósmico, conhecemos com precisão as dimensões do nosso planeta e sabemos exactamente a espessura da camada atmosférica que o envolve; mas, em contrapartida, não podemos ultrapassar o grau de conhecimento expresso no texto dos Salmos acima citado — que a revelação da verdade divina pode alcançar os homens de todas as raças e de todos os países, onde quer que se encontrem e mesmo para além das nuvens!

Há alguns anos apenas, uma tal afirmação só poderia ser aceite pela fé — teria sido impossível confirmá-la através de provas materiais. Hoje, porém, o Senhor concede-nos o privilégio de não somente sermos testemunhas da realização concreta destas palavras, mas ainda de participarmos nessa realização. Com efeito, qualquer possuidor de um aparelho receptor pode, se o desejar, ouvir de maneira ininterrupta a mensagem da salvação pregada na rádio e isto porque a rede de estações emissoras que a difundem se encontra espalhada por todos os continentes do nosso mundo. As Igrejas Adventistas da Europa, só elas, utilizam actualmente mais de 20 emissores regionais, localizados na Bélgica, França, Itália e Espanha. A maioria destas estações pertence à Denominação e estão à nossa disposição vinte e quatro horas por dia.

Além destas estações locais, precisamos também de fazer ouvir a nossa mensagem nas regiões em que as boas-novas do Evangelho não podem ser recebidas de outra maneira. A organização que tem por título *Adventist World Radio* [Rádio Mundial Adventista] foi criada precisamente para preparar, coordenar e irradiar estes programas internacionais de «longa distância», que somente podem ser transmitidas em ondas curtas e se destinam a regiões linguísticas afastadas dos principais centros emissores.

Em Sines, pequena vila portuguesa, está instalado um poderoso emissor de 250 watts e a nossa mensagem está sendo irradiada a partir dali para África, Europa e Próximo-Oriente, há já 14 anos. Estações semelhantes existem também no Sri Lanka, para a Índia e o Sul da Ásia, e na América Central, para a América do Sul.

Por outro lado, desde há bastante tempo, foram feitos planos para estabelecer duas estações emissoras, propriedade da Denominação, localizadas, uma numa ilha do Pacífico, para a China e a Ásia Oriental, e a outra na Itália, para a Europa.

Há muitas emissões para noticiários e distração, irradiadas em todas as ondas e em todas as frequências de rádio no mundo inteiro, mas há muito poucos destes canais que transmitam o Pão da Vida, hoje dada a época de descontentamento e de perturbação em que vivemos mais do que nunca indispensável. Ora, é a nós que o Senhor dá a oportunidade — e a responsabilidade — de dar a conhecer a mensagem de salvação, tanto nas zonas mais densamente populadas como nos mais recônditos lugares do globo. Lembremo-nos da Oferta especial para a Obra Mundial da Rádio que será levantada no Sábado, 16 de Junho. Milhares de ouvintes inscritos nos cursos de Bíblia por correspondência e numerosas cartas testemunham dos frutos visíveis desta obra que «chega até às mais excelsas nuvens!»

HEINZ HOPF

Pastor e Director do Departamento de Comunicações da Divisão Euro-Africana

Os Pobres no Plano de Deus

Um dia, ao esgueirar-me por entre os mendigos que infestavam o centro da cidade, lembrei-me das palavras de Cristo: «Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.» Mat. 5:42. E arazoei comigo mesmo: «Se eu seguir este conselho à risca irei à bancarrota, e logo estarei entre eles, mendigando também!»

Antes de analisarmos o sentido das palavras de Cristo, examinemos a condição de alguns mendigos. Um deles «trabalhava» regularmente das 6.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.00 horas. No intervalo, perambulava pelas ruas e ia ao cinema.

Outro pedinte costumava expor à compaixão dos passantes a perna, com um curativo horrível. A atadura estava suja de sangue e moscas pousavam e voejavam em volta da ferida. Um dia a polícia prendeu o homem, pois descobriu tratar-se de um falso mendigo. Não havia ferida alguma na perna. Ele apenas havia feito um emplastro com um pedaço de carne de terceira, a fim de iludir as pessoas sensíveis. A perna estava perfeitamente sadia.

Como este, há centenas que adoptaram a «profissão» de mendigo, a fim de se aproveitarem da boa fé das pessoas para viver na ociosidade.

Se Cristo viesse a uma das nossas grandes cidades hoje, e a cada mendigo que encontrasse fizesse a mesma pergunta que fez ao paralítico de Betesda: «Queres ficar são?» provavelmente receberia um «não» como resposta. Para quê sarar se as chagas dão lucro?

Dá por que a pena inspirada adverte: «Não é sábio dar indiscriminadamente a todo aquele que solicite o nosso auxílio, porque podemos assim encorajar a ociosidade, a intemperança e a extravagância.» — *Mordomia e Prosperidade*, pág. 163.

Quanto às palavras de Cristo, citadas no início, diz o *Comentário Bíblico Adventista*: «O conselho 'dá a todo o que te pede' não significa dar tudo que ele pede, nem dar alguma coisa de todas as vezes que formos solicitados. O sentido desta recomendação do Sermão do

Monte é que o acto de dar deve tornar-se habitual entre nós. Não significa que o cristão é obrigado a dar indiscriminadamente, haja ou não necessidade. O cristão deve possuir um espírito generoso e pronto a dar, segundo a necessidade do solicitante e a disponibilidade do doador.» — *SDABC*, vol. 5, pág. 748.

A esta altura cabe a pergunta: Como poderei discernir entre um falso mendigo e uma pessoa de facto coerente? Também aqui devemos observar alguns critérios. O Espírito de Profecia diz-nos: «Se alguém chegar à vossa porta dizendo que está com fome, não o despeçais vazio. Dai-lhe algo a comer, do que tendes... Mas entre aqueles cujas necessidades reclamam o nosso interesse, são as viúvas e os órfãos que mais apelam para a nossa terna simpatia e cuidado.» — *Mordomia e Prosperidade*, pág. 163.

Devemos atender aos doentes, alimentar os famintos, vestir os nus, e instruir os ignorantes.» — *Idem*, pág. 162.

«A causa de Deus abrange todos os santos sofredores necessitados. Não devemos egoisticamente seleccionar uns poucos parentes e amigos, auxiliá-los, e dar por encerrado o nosso trabalho. Todos os necessitados de que tivermos conhecimento devem ser ajudados, mas especialmente os que sofrem por amor à verdade. Se negligenciarmos tal trabalho, Deus nos responsabilizará por isto.» — *SDABC*, vol. 4, pág. 1.151.

Estes textos sugerem que o dever do cristão para com os menos afortunados envolve um relacionamento pessoal, através de um trabalho contínuo em favor deles. Quem dá uma esmola parece estar querendo ver-se livre do pedinte, como a dizer: «Tome. E agora deixe-me em paz.» Em vez de atirar-lhe uma moeda, se pudermos ensiná-lo a ganhar o seu sustento, estaremos ajudando-o de modo muito mais eficiente. Em vez de dar-lhe um peixe, devemos ensiná-lo a pescar.

No livro *A Ciência do Bom Viver* há um capítulo inteiro so-



bre esta questão, intitulado «Auxílio aos Desempregados e aos Destituídos de lar», onde a Sra. White esboça o plano de Deus para os pobres no antigo Israel. Vejamos algumas dessas medidas que, se adoptadas hoje minorariam seguramente os problemas do pauperismo e do crime crescente.

1. Toda a família tinha um lar e terreno suficiente para plantações, o que lhes dava os meios e o incentivo necessários para uma vida útil, industriosa e independente.

2. A terra não era vendida em carácter permanente. Voltava à posse da família cinquenta anos mais tarde, no chamado «ano do jubileu». Assim, os filhos não ficavam deserdados quando os pais precisavam de vender as suas propriedades, e a sociedade evitava os extremos, quer da opulência, quer da miséria.

3. O preparo industrial era considerado um dever. Os pais eram obrigados a ensinar aos filhos um ofício.

Entretanto, estas medidas, embora eficazes, não eliminariam totalmente a pobreza, pois «não era o designio de Deus que cessasse de todo essa condição. É um dos Seus meios para o desenvolvimento do carácter.» — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 185.

Assim sendo, já que «nunca deixará de haver pobres na terra» (Deut. 15:11), Deus deu ao Seu povo instruções específicas quanto às formas de ajudar os necessitados, dentre as quais destacamos as seguintes:

1. O possuidor de bens deveria abrir livremente a sua mão para o necessitado, emprestando-lhe o que lhe faltasse, ou mesmo sustentando-o como estrangeiro e peregrino. (Ver

Deut. 15:7, 8 e 11; Lev. 25:35.)

2. Os cantos dos campos não deveriam ser ceifados (Lev. 19:9); as espigas que caísem ao chão não deveriam ser recolhidas; e as árvores frutíferas não deveriam ser colhidas mais do que uma vez (Deut. 24:19-21).

Posteriormente os judeus adoptaram também um outro costume rotineiro na sinagoga, o que demonstra que a jurisprudência judaica estava entremeadada de compaixão pelos menos afortunados: «Certos oficiais eram indicados e conhecidos como recebedores de ofertas. Dois colectores iam pelo mercado e pelas residências particulares cada sexta-feira de manhã e faziam uma colecta, parcialmente em dinheiro, e em parte em bens para os necessitados. Mais tarde, durante o mesmo dia, o que fora recebido era distribuído. Os que estavam temporariamente em necessidade recebiam o suficiente para que se pudessem manter; e os que eram permanentemente incapazes de se sustentar recebiam o suficiente para catorze refeições, isto é, o bastante para tomarem duas refeições ao dia durante a semana seguinte.» — William Barclay, *The Acts of the Apostles*, págs. 50 e 51.

Os judeus ainda hoje demonstram esse cuidado pelos seus. Deveríamos nós, como cristãos, fazer menos? É claro que ajudar a todos indiscriminadamente, é não apenas impossível mas também inconveniente. Nesse caso, que critério selectivo deveríamos adoptar? A Palavra de Deus no-lo indica em Gálatas 6:10: «Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé.» — *R.M.S. - R.A. Brasileira*.

Um Olhar sobre A Voz da Esperança



PAULO J. MORGADO

Aproxima-se o dia da Voz da Esperança e com ele, o momento de se fazer o ponto da situação. Reflectir sobre o que se fez, repensar o trabalho e olhar para o futuro.

Sobre o que ficou para trás, há, antes de mais nada, um agradecimento muito grande a Deus. Nada teria sido possível sem a Sua intervenção. De outro modo, dificilmente compreenderíamos a recepção de mais de um milhar de cartas em ano e meio de actividades. É um testemunho claro da confiança depositada nas nossas emissões por ouvintes com problemas, dúvidas sobre textos bíblicos, que sentindo um vazio na sua vida, tem levado alguns à tentativa de suicídio. Isto sem falar em problemas em relação com o divórcio, casamento, educação de filhos, relações pais-filhos, droga, etc.

A Voz da Esperança tornou-se um ponto de referência para milhares de ouvintes que procuram uma nova vida: mais plena, com mais significado.

Os números dizem-nos que somos um dos programas mais ouvidos no nosso País.

O que atrás ficou dito, poderão comprovar pelas cartas que no final do artigo serão citadas.

Entre os factos a realçar no último ano de actividades, gostaríamos de chamar a vossa atenção para o 1.º programa ao vivo da Voz da Esperança, o Primeiro no género realizado.

A actuação de jovens Adventistas de Setúbal, Almada, Amadora e Caldas da Rainha, mostrou ser possível realizar no nosso País um programa musical de qualidade, com um cariz acentuadamente evangélico.

A Irmã Hortelinda dos Prazeres, como obreira bíblica, tem visitado ouvintes, alunos e interessados em toda a série de actividades propostas pelo nosso trabalho: programas radiofónicos, cursos por correspondência e telemensagem.

Os resultados começam a surgir: estudos bíblicos e visitas que iniciam os seus contactos com a Igreja.

Realce ainda para o início da renovação dos estúdios da Voz da Esperança de modo a ser possível uma resposta capaz aos desafios futuros.

Estes factos, que podemos considerar positivos e que nos poderiam levar à imobilidade, convidam-nos, pelo contrário, a repensar o trabalho da Voz da Esperança.

Esta actividade evangélica necessita de condições mínimas para se desenvolver de modo a tornar-se frutífera. Tendo raramente existido, essas condições, impossibilitam a eficiência desejada.

São as péssimas condições técnicas do material, completamente ultrapassado face ao progresso da técnica; a falta angustiante de música em língua portuguesa é um outro aspecto, para já não falar em literatura que corresponda às necessidades dos ouvintes de uma forma actualizada; as instalações verdadeiramente exíguas em que a Voz da Esperança se encontra e os meios humanos extraordinariamente limitados para a execução do plano.

É nesta perspectiva que se deve encarar e definir o trabalho da Rádio de um modo completamente novo.

O futuro apresenta-se-nos com um grande ponto de interrogação. Várias razões estão na base desta opinião: Numa perspectiva positiva quando, ao que parece, finalmente, a Assembleia da República vai regular o acesso dos particulares à Rádio, o que vai possibilitar a existência de emissoras Adventistas. É um campo extraordinariamente promissor que se abre ao trabalho do Senhor. Perante esta situação constatamos que nada foi feito para responder a este desafio.

Necessitamos de novos estúdios, novo material técnico, como gravadores, gira-discos, emissores, microfones, mesa de mistura, além de uma discoteca, com uma selecção adequada, para responder às exigências actuais.

Isto, sem falarmos na preparação de animadores da rádio, entre os obreiros e jovens das igrejas que poderão beneficiar, em primeiro lugar, deste trabalho. Preparação essa que está no ponto zero.

Chegou o momento, se realmente desejamos que a Rádio seja o novo meio de evangelização a utilizar, de nos comprometermos prioritariamente com ele.

Poderia a rádio deixar de ser uma prioridade, quando durante dois anos, um milhão de pessoas ouvirem a nossa mensagem pela rádio!

Que o Senhor nos dê sabedoria e meios para

PAULO J. MORGADO

Pastor das Igrejas da Zona de Almada
e Responsável de «A Voz da Esperança»

realizar esta maravilhosa obra através das ondas. Que o Senhor toque os corações de cada um de nós, para que o sonho de uma «nova» Voz da Esperança possa surgir em breve.

M.M.S.B. — AVINTES

«Estudo e como tal tenho muitas dúvidas acerca da existência de Deus, de Jesus. Gostaria que me ajudassem a provar a mim mesma que Ele existe, pois eu queria acreditar n'Ele.»

Quero ter provas, quero ter fundamento na minha crença, porque só assim é que posso ajudar outros jovens que estão na mesma situação»

4/4/83

«O vosso programa tem-me ajudado bastante, eu dantes não acreditava em Deus, na Bíblia, não tinha razões para acreditar, ninguém mas dava... mas agora vocês deram-me razões para acreditar e sinto-me muito melhor, pois acredito em algo»

«Quero que a minha fé que, agora, começa a dar os primeiros passos, que é ainda muito frágil, aumente cada vez mais.»

29/7/83

«Acho que os temas que tratais nas vossas emissões, são temas interessantes, úteis, temas que nos «abnam», nos acordam, nos relembram de quem sofreu por nós... que nos ajudam, fazem reflectir, apreciar as coisas, enfrentar os problemas da vida e nos fazem acreditar em alguém»

28/9/83

«Acho que agora chegou a altura, porque talvez daqui para o futuro as minhas relações com a vossa igreja, passem a ser mais profundas, mais de compromisso.»

«O que me interessa é descobrir a verdadeira religião.»

15/11/83

«O facto de eu, agora, neste momento, sentir que Deus não me é tão indiferente como há cerca

de dois anos atrás era, o facto de eu sentir que estou conhecendo cada vez mais Deus.»

«Deram-me a possibilidade de conhecer e começar a acreditar num ser maravilhoso.»

30/1/84

C.N.R. — MACEDO DE CAVALEIROS

«A alegria voltou de novo a encher a minha vida: encontrei o Senhor que há tanto procurava em caminhos onde não o podia encontrar.»

12/1/84

E.M. — GUIMARÃES

«Fiquei encantada ao ouvir as coisas maravilhosas que vocês falaram acerca de Cristo e de Deus»

22/1/84

R.M.F.L. — SANTO TIRSO. PILAR DE AVES

«Pensei que ninguém se lembraria de mim, que talvez seria a única desprezada no mundo, mas encontrei-me porque vocês são... a força do meu viver»

2/1/84

S.J.C.O. — RIO TINTO

«Obrigado por me ajudarem a encontrar o caminho do Senhor»

16/12/83

M.R. — ALMODOVAR

«Creio que foi o Sábado que o Senhor mandou que observássemos e não o Domingo. Eu creio somente na Bíblia porque só ela tem a verdade. Neste aspecto os Adventistas vivem a verdade. A propósito, eu gostaria de saber o que é a Igreja Adventista do 7.º Dia, em que se baseia a fé dos seus membros»

14/2/84

J.A.L.F. — PÓVOA DE VARZIM

«Considero-o importante e sempre de grande actualidade. Enviem-me a vossa revista Sinais dos Tempos. Acho uma revista muito importante.»

8/11/83

Publicações

«O sector de Publicações de nossa Causa tem muito que ver com o nosso poder. É meu desejo que esse sector realize tudo quanto o Senhor lhe tem designado. Se os nossos homens associados a actividades de livros fizerem fielmente a sua parte, eu sei, pela luz que me tem sido dada por Deus, que o conhecimento da verdade presente será duplicado e triplicado.» *O Colportor Evangelista*, pág. 148.

Enquanto uma grande parte dos membros das nossas igrejas se entregam aos seus afazeres quotidianos nas oficinas, escritórios, fábricas e escolas, ou nas tarefas domésticas, desde o Minho ao Algarve, e até às ilhas, um pequeno exército de 70 homens e mulheres percorre as estradas e caminhos levando consigo a preciosa semente da salvação.

Segundo a voz profética, este sector da nossa obra é de grande importância para a terminação da tarefa de evangelização.

Pela Graça de Deus, o trabalho dos colportores evangelistas, no primeiro trimestre deste ano, registou uma melhoria em relação ao mesmo período do ano passado. Os colportores colocaram no seio das famílias portuguesas 10776 livros, entre

os quais 1.686 *O Grande Conflito* e 991 *O Desejado de Todas as Nações*; foram oferecidos 6.956 folhetos e revistas *Sinais dos Tempos*, e fizeram-se 6.488 assinaturas da *Revista Saúde e Lar*, o que corresponde a 77.856 revistas que serão enviadas aos lares.

Apesar dos dias difíceis que atravessamos, as promessas de Deus cumprem-se, e assim, tivemos neste trimestre um valor total de 21.800 contos de vendas.

Graças a Deus por tais resultados! No entanto, se fizermos a nossa parte, creio que Deus fará ainda muito mais pela Sua Obra.

Logo que a Casa Publicadora tenha à nossa disposição literatura adequada, teremos em acção os *Difusores Evangélicos* que, com o seu trabalho, virão engrossar este caudal de Publicações que queremos ver inundar Portugal.

Que muitos se empenhem nesta Obra, e que todos orem por ela, e certamente veremos grandiosos resultados.

F. Ferreira

Director do Departamento de Publicações

NOTÍCIAS do campo

Semana de Oração em Oliveira do Douro

Realizou-se na nossa Igreja a Semana de Oração que decorreu bastante animada. Dirigiu as reuniões o Pastor Amílcar Lopes que veio expressamente de Viseu para realizar estas reuniões. Apesar do tempo por vezes frio, a verdade é que tivemos a satisfação de contar todas as noites com um auditório numeroso que seguiu com muito interesse as belas mensagens que o Pastor Amílcar apresentou numa forma directa, espiritual e apelativa.

Quando esta Semana terminou todos ficámos com saudades pela maneira agradável e espiritual como ela decorreu.

Agradecemos ao Pastor Amílcar a sua presença e o bem espiritual que nos fez a todos.

Casamento Adventista

No domingo, 6 de Novembro, realizou-se o casamento dos jovens *Moisés Cardoso* e *Fátima Santos*. Numerosos amigos e familiares juntaram-se na Igreja do Porto — pois que o Templo de Oliveira do Douro continua em obras — para assistirem à cerimónia religiosa.

Desejamos aos noivos as maiores felicidades.

J. M. Matos
Pastor da Igreja

Plano de 5 Dias em Castelo Branco

De 4 a 8 de Dezembro, realizou-se, em Castelo Branco, um Plano de 5 Dias para deixar de fumar.

Embora o número de participantes não tenha constituído um recorde — tivemos 41 fumadores sem contar com alguns curiosos que apenas quiseram saber como era — constituiu sem dúvida uma rica experiência.

Quando o Departamento nos consultou para a realização deste plano, surgiu a pergunta: Onde realizá-lo? No Salão da Igreja, ou fora?

Depois de analisar os prós e os contras e em perfeito acordo com o Dr. Daniel Esteves, decidimo-nos pelo Salão da Igreja. A razão deste decisão foi baseada na tentativa de quebrar o preconceito existente na cidade contra tudo o que não seja católico, objectivo que foi atingido, pelo menos por parte dos que assistiram.



O Dr. Daniel Esteves no uso da palavra, e um aspecto da assistência.

No primeiro dia, e depois de ter apresentado o Dr. Daniel Esteves e o Pastor Eduardo Graça como os responsáveis do Plano, o signatário chamou a atenção dos presentes para o facto de que, embora as reuniões fossem realizadas na Igreja Adventista do 7.º Dia, o assunto a apresentar seria os efeitos do tabaco no organismo e como se libertar, e não religião.

No último dia, e já no final, foi lembrado que cumprimos a nossa promessa. Isto teve um efeito altamente positivo, pois à saída foram ouvidos vários comentários como este: «Estou satisfeito com a honestidade destas pessoas. Disseram-nos que não nos falariam em religião, e não falaram». E ainda: «Por experiência pessoal, sei como responder a quem me disser: Também andas metido com os Adventistas?»

Os vários testemunhos deixados no *Livro de Ouro do Plano de 5 Dias*, atestam do apreço manifestado pela maior parte dos assistentes, mas o que é digno de nota é o facto de várias pessoas terem telefonado manifestando o seu desapontamento por não terem sabido ou podido assistir às reuniões, pedindo para serem avisadas quando outro plano se realizar.

Estarão estas pessoas a ser sinceras, ou será já o fruto do testemunho dado pelos participantes?

O nosso obrigado ao Departamento de Saúde e Temperança, como ao Pastor Graça, pelo bom trabalho desenvolvido.

M. Oliveira
Pastor da Igreja

Figueira da Foz Cerimónia Nupcial

No dia 22 de Janeiro, realizou-se na igreja da Figueira da Foz, o primeiro casamento efectuado nesta nova Casa do Senhor. Para celebrar a cerimónia tivemos no nosso meio o pastor Eduardo Graça, que amavelmente se deslocou de Coimbra para o efeito.

Estava uma manhã chuvosa mas, apesar de tudo, estes dois jovens da igreja de Santana não deixaram de unir as suas vidas tal como o mandato de Deus prescreve, «dois numa só carne».

Nesta cerimónia, em que se uniram os irmãos *Jorge Neto* e *Isabel Freitas*, e devido à simplicidade do acto e à maneira como o mesmo foi celebrado, tudo chamou a atenção de algumas visitas e acompanhantes, que acharam a cerimónia interessante, pois sempre para alguns constituiu uma novidade a maneira como a cerimónia decorreu, quer pelo decor, quer pelo teor do discurso proferido pelo oficiante.

O primeiro passo foi dado, e para estes dois irmãos que uniram as suas vidas, a igreja deseja-lhes as maiores bênçãos de Deus.

Ildio Carvalho
Pastor da Igreja

1.º Ciclo de Palestras sobre «A Família»

Aqui Porto Santo!

Mais umas notícias de PORTO SANTO, a ilha que embora tenha o nome de Ilha DOURADA, fica isolada, especialmente em alturas de temporais, que são frequentes neste mar tão agitado, e quando há grandes ventos, ficando então sem comunicações por via marítima! Este foi o caso há dias, pois ficámos com menos o «Arriaga», um dos poucos barcos cargueiros!

Esta Ilha, no entanto, não é só agitada pelo mar e pelo vento, mas também no que diz respeito ao trabalho do SENHOR, surgindo frequentes «ondas» feitas pela igreja tradicional, que durante centenas de anos tem tido a primazia sobre tudo e todos.

Os leitores da nossa Revista, podem compreender que o difícil trabalho de contacto nesta ilha se assemelha a uma grande nau em mar de temporal!

Mas, como trabalhamos pela fé, e sabemos que o Comandante JESUS está ao leme e nos sorri, o trabalho continua avançando!

Assim, mais uma vez, pela graça de DEUS, foi levado a efeito o 1.º Ciclo de Palestras sobre a FAMÍLIA, apresentado pelo Pastor Joaquim Casaquinha, que para esse fim se deslocou à ilha do PORTO SANTO.

Foram numerosos os convites distribuídos, como de costume, pelas entidades do Estado, Liceus, Escolas e outras, comércio, e à população em geral.



Houve uma assistência que esteve presente com regularidade e manifestou interesse pelos temas apresentados, pelos diapositivos que ilustravam cada reunião e pela música que usámos para o início e conclusão de cada palestra!

Estamos crentes que outras séries de Palestras sobre o tema da FAMÍLIA poderão despertar maior interesse, pois que nas últimas palestras já foram feitas algumas perguntas pela assistência sobre os assuntos que iam sendo apresentados; e será mais um meio de ir penetrando em novas famílias e lares!

Pedimos pois a continuação das vossas orações pelo «trabalho do SENHOR» aqui e em todo o lugar para que O SENHOR JESUS venha breve, e encontre um povo Seu, preparado e bem disposto!

Vossos em Cristo

M. Piedade e Frederico Nogueira
Responsáveis do trabalho em Porto Santo



Associação dos Radioamadores Adventistas do Sétimo Dia

Querendo cumprir com o que havíamos prometido, de manter todos os que se interessam pelo radioamadorismo ou que se venham a interessar, informados do que vimos realizando, aqui estamos a informar que a União autorizou que a sede da nossa Associação passasse a funcionar na sua sede, ou seja, na Rua Joaquim Bonifácio, 17 — 1199 LISBOA. Pensamos, deste modo, enquadrar melhor as actividades da nossa Associação com a Obra de Deus nesta terra.

Tem vindo a nossa Associação a usar a sigla «ARA» que é também usada pela Associação de Radioamadores dos Açores, o que pode criar certa confusão. Assim, a Direcção dos Serviços Radioeléctricos através do s/ Ofício n.º H3z. 3, de 27-5-82, solicitou o que passamos a transcrever: «Cumpre-nos, desde já, chamar a atenção de V. Exas. para o facto de a sigla ARA pertencer à Associação de Radioamadores dos Açores. Deste modo não nos parece razoável que tal sigla seja utilizada por essa Associação».

Deste modo sugerimos a todos os colegas e simpatizantes que nos enviem esboços do que poderá vir a ser a nossa sigla, para que, depois de apreciada, sirva para identificar a nossa Associação.

Maranata e 73
J. M. Costa

Hora Tranquila

Pedido de Oração

Pelas melhoras da Irmã Teresa Santos, da igreja de Alvalade, Lisboa.

Baptismos em Atalaia do Campo

A Atalaia do Campo é uma pequena aldeia da Beira Baixa, tendo como moldura os confrontos da Serra da Gardunha.

Em 1980 e em grande parte devido aos esforços dos irmãos que na altura aqui residiam, o património Adventista foi enriquecido com um novo templo de raiz, inaugurado para ser um farol da verdade nestas paragens.

Mas num ambiente de aldeia, não é fácil quebrar os preconceitos arraigados na mente das pessoas durante séculos. Por este motivo, foi com muita alegria que no Sábado, 19 de Novembro, vimos descer às águas baptismas o casal Cruz, nascido e residente neste lugar, como resultado do trabalho desenvolvido pelos irmãos desta Igreja.

Aos irmãos João e Graça Cruz desejamos, em primeiro lugar, felicitá-los pela sua decisão de servirem a Jesus conforme a Sua Palavra. Em segundo lugar, desejamos que a sua vida seja uma demonstração viva do poder de Deus na vida de homens e mulheres que aceitam os princípios divinos como norma de vida, e que através do seu exemplo e da sua vida coerente, possam atrair outros para o aprisco do Senhor.

M. Oliveira
Pastor da Igreja

Pioneiro é Chamado ao Descanso

Foi na Sexta-feira, 17 de Fevereiro de 1984, que na casa de repouso da Praia da Vitória [Terceira, Açores] faleceu o último pioneiro que ainda e apesar dos seus 83 anos, fazia frente à morte. Na década dos anos 40, três homens, graças à presença eventual de um colportor Adventista aceitaram a Mensagem do Advento. João Mendes (falecido), João Gualberto (falecido) e Fernando Faria agora falecido. O caminho destes homens, como crentes, foi duro, pelo que muitas vezes era ouvi-los falando de acontecimentos do seu tempo, conversas essas a que me fui habituando através dos anos. Tinha profundo respeito por esses homens que contrariando tudo e todos avançavam pela fé. Atestando estes relatos, veio a confirmar-se mais uma vez aquilo que nestas paragens constatamos a pretensa dominação que a Igreja de Roma quer fazer sentir até na morte dos homens e mulheres que tiveram a coragem de lhe dizer NÃO, enquanto vivos.

No Sábado de manhã, quando os nossos irmãos se reuniam na casa de repouso, onde o corpo do irmão Faria estava exposto e aguardávamos as 10 h para ini-



Os irmãos João e Graça Cruz momentos antes de serem baptizados.

ciarmos o serviço religioso, qual não foi o nosso espanto quando vemos um sacristão e um Sacerdote Católico preparando-se para officiar o acto o qual, com o devido tempo, o articulista tratou com o Pastor Esteves junto da Directora da Instituição para que o nosso irmão tivesse assistência da Igreja Adventista na sua última viagem. Eles conheciam-nos muito bem, pois o nosso irmão era visitado por nós, tendo dado na secretaria daquela instituição os números de telefone do Pastor Esteves e o meu para que precisamente quando o irmão Faria falecesse sermos avisados, e na verdade fomos. Mas apesar de tudo isto, a Directora da Casa de repouso preparou tudo para que o irmão Faria fosse assistido na morte por aqueles que em vida lhe fizeram «a vida difícil» por ele ser Adventista. Naquele Sábado assistimos pois a uma luta em que de um lado estava o Pastor Esteves e o articulista debatendo com o Padre, o director e a directora da Instituição, enquanto os nossos irmãos estavam ao longo do corredor com os rostos crispados de indignação, realçando-se a compostura e a presença cristã de todos eles. Uma irmã ao meu lado confidenciava-me: «Parece Satanás de um lado e Jesus do outro disputando o corpo de Moisés...» Realce para a posição firme do Pastor Esteves que, secundado por nós, não deu tréguas a quem quer que fosse apelando para factores tais como liberdade religiosa, violação da consciência até dos mortos... etc. Os nossos

adversários acabaram por transigir, não sem grande relutância. Fiquei chocado pelo que aconteceu imediatamente a seguir, pois os funcionários da Agência Funerária apagaram as luzes que é costume levarem acesas e à pergunta que alguém fez responderam: «Bem as luzes vão apagadas porque ele não tem serviço religioso...» — Resposta imediata do Pastor Esteves... — «Pode apagar as luzes... isso tanto faz... mas serviço religioso ele tem.»

Foi no cemitério que acabámos por realizar aquilo que foi uma última homenagem/evocação à vida do Cristão Adventista que foi o nosso irmão. Aqui, mais uma vez, sentimos o dedo de Roma, quando os Funcionários da Agência Funerária, com um sorriso irónico, não completaram o seu trabalho, tendo o articulista com o irmão Carlos Alberto e o irmão Tibúrcio Reyes, ajudado a baixar o caixão à sepultura. No fim desta jornada que faria inveja aos cristãos da Idade Média, onde, segundo o historiador D'Aubigné, os homens da Bíblia em muitos lugares não tinham enterro digno dos seus concidadãos, partimos daí ainda fomos fazer a Escola Sabatina na Igreja da Serra de S. Tiago. Com que fervor nos devotámos naquela manhã ao estudo da Palavra. Parece que estas afrontas até nos fazem bem... Coisas da psicologia...

Carlos Baptista Ávila
Ancião da Igreja

Alunos de Teologia

A partir do próximo ano lectivo, 1984-85, os alunos portugueses que desejem estudar teologia poderão seguir directamente para o Seminário de Collonges.

Agradecemos a todos os que desejem frequentar no próximo ano lectivo aquele Seminário, o favor de entrar em contacto com a União.

A Igreja cresce em Johannesburg — África do Sul

(Oito batismos na inauguração do baptistério da Igreja de Malvern)

Integrado no programa da Igreja e dentro do primeiro dos três objectivos para 1984 — «por um reavivamento e uma reforma» — a Igreja de Malvern inaugurou, no passado dia 25 de Fevereiro, o seu baptistério, com a descida às águas de oito novos irmãos.

Eram precisamente 4 horas da tarde quando o Pastor Pedro B. Ribeiro tomou a palavra para dizer aos presentes: «Este é o dia que esperávamos; Achámo-lo, vimo-lo...» (Lam. 2:16).

-se lágrimas de felicidade, enquanto a jovem Ana Lisa Leal, a primeira das candidatas, descia às águas. O Espírito do Senhor sentia-Se fortemente naquela hora e os minutos seguintes iriam ficar gravados no coração e na mente de todos que tiveram a bênção de estar presentes.

Ao apelo, nove dos presentes levantaram-se, para que o Pastor da Igreja, P. B. Ribeiro, em oração comovente, pedisse a bênção do Senhor para eles.

O Pastor Murray da Igreja de Klip-town, em nome da Conferência do Transval foi o primeiro a dar as boas-vindas aos novos membros.

Com um cântico de louvor e oração, assim terminou a cerimónia mais linda que me foi dado presenciar.

Gilberto Leal

Ancião da Igreja Portuguesa de Malverne, África do Sul



Os oito novos membros baptizados na igreja de Malvern (Johannesburg)

Cá fora a tarde era de Sol quente. Os irmãos e visitas enchiam a sala de 130 lugares. Alguns vinham de longe para com a sua presença mais calor darem à efeméride. Também o coro da Igreja de Klip-town lá estava para se fazer ouvir em grupo ou quartetos de hinos maravilhosos.

Mas a hora solene chegou. As cortinas do púlpito começaram lentamente a abrir-se. Lá longe, sobre os Montes Hebron, o céu cheio de felicidade, em atmosfera irreal, abraça as árvores, as colinas; um rio rodeado de árvores, arbustos e pedras, lembrava o Jordão onde o nosso Mestre quis ser baptizado.

E com este inspirador cenário, pintado por um irmão desta igreja, os acordes do hino 554 — «oh que belos hinos» —, começaram a ser tocados pela Irmã Irene Ribeiro. Dos olhos da assistência soltavam-

Rádio Mundial Adventista AWR — EUROPA

Está em curso a aquisição de uma propriedade perto de Forli, na Itália, onde se pensa instalar uma estação emissora adventista.

A propriedade inclui cerca de 4 800 m² de terreno para a colocação das antenas necessárias, e também uma casa, com mais 3 000 m². Esta encontra-se em boas condições e poderá proporcionar habitação para uma família e espaço para um estúdio e para os escritórios.

A Igreja Adventista possui em Forli um Lar para Pessoas Idosas e a proprieda-

de onde ficará instalado o emissor adventista desta desse lar 7 quilómetros.

A questão agora é a aprovação oficial para a construção da antena e só isso poderá levar-nos a concretizar esta compra. Estamos confiantes em que Deus «abrirá as portas», segundo a Sua vontade.

AWR — EUROPA (Rádio Mundial Adventista — Europa), o projecto agora em curso, começou com uma série de emissões-experiência em Rádio Milão Internacional, a qual transmite com uma potência de 5 KW em 7295 KHz durante o dia e experimenta outras frequências à noite, na banda de 41 metros. Os programas da Rádio Mundial Adventista são radiodifundidos durante uma hora aos Sábados à noite, e durante duas horas nos Domingos à tarde. São preparados pela «Voz da Esperança» alemã e por «Música e Fé» da Inglaterra. O objectivo destas experiências é testar a espécie de resposta que se pode obter a partir dum emissor local e ver quais as possibilidades de colaboração com Rádio Milão Internacional, caso não obtenhamos a autorização para construir a nossa Estação ou caso isso demore.

Quatro pessoas aceitaram um chamado para irem trabalhar na Estação de Rádio Mundial Adventista, na Itália.

Walt Bolinger e sua esposa chegaram à Itália em 10 de Maio para trabalhar numa base SOS. O Ir. Bolinger será engenheiro-chefe do complexo radiofónico.

Manuel Vieira, que trabalhava em Lisboa, na AWR, aceitou ser transferido para a Itália para trabalhar como operador da estação. Partiu para Itália no dia 6 de Maio, para assistir o Ir. Bolinger e ajudar na preparação e adaptação das instalações. A sua família reunir-se-lhe-á após o final do ano escolar.

Stefano Sosio, um jovem de Milão, irá juntar-se ao grupo em Setembro. Trabalhará também como operador da estação.

Russell Bryan, de Newbold College, está fazendo planos para ir para a Itália em meados de Julho, numa base de um período de 10 meses. Colaborará na construção da estação, trabalhará como operador e ajudará na produção de alguns dos programas em língua inglesa.

Mike Wiist

Coordenador da AWR na Europa

O Boletim da Voz da Esperança conhece novo record de tiragem

Durante o ano de 1983, a média das 12 edições mensais do pequeno Boletim de *A Voz da Esperança* alemã, pedidos ou distribuídos pelas igrejas, elevou-se a 150 000 por cada edição.

Mil Dias de Colheita

John Read

A se - men - te da Pa - lavra Pe - lo Es - pí - ri - to de Deus Foi plan -
Co - mo a - re - ia lã do mar A co - lhe - i - ta a - sim se - rã Tan - tas
Dã - nos mais do Teu fer - vor E re - ves - te nos de fé. Vi - bra em

tem - po de a - nun - ciar às mul - ti - dô - es Cor - cla - mando a ricos e ple

ta - da na se - a - ra ter - re - nai Mas a for - ça que hoje lavra Tra - z co -
quantas as es - tre - las a bri - lhar A pa - lavra do Senhor Se ou - vi -
nós a vi - va cha - ma do la - bor Lu - ta - re - mos pois a - té Mil vi -

be - us Es - ta - ça co - lhe - i - ta das na - çõ - es Mil

lhei - ta cer - les - tial Quan - do a chu - va é de Deus o ma - nan - cial E
rã de mar a mar E a I - gre - ja co - mo o sol re - ful - gi - rã
tõ - rias al - can - çar Os mil di - as de co - lhe - i - ta com - ple - tar

di - as de co - lhe - i - ta pa - tra Deus .

Este é um hino para ser cantado durante os Mil Dias de Colheita. Sugere-se utilizá-lo nos minutos missionários de cada sábado, no culto do primeiro sábado do mês, e em ocasiões de ênfase missionária.